

“A COR DE CORALINE”: LITERATURA E LETRAMENTO RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“CORALINE'S COLOR”: LITERATURE AND RACIAL LITERACY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

“EL COLOR DE CORALINE”: LITERATURA Y ALFABETIZACIÓN RACIAL EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Tássia Fernandes Ferreira¹

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Resumo

O presente artigo versa sobre uma prática pedagógica desenvolvida em turmas de infantil V, em uma escola da rede pública de Fortaleza. O objetivo principal foi propiciar às crianças momento de discussão, reflexão e criação artística, favorecendo o letramento racial e as relações étnico-raciais. A pesquisa tem abordagem qualitativa, empírica e foi desenvolvida no período de uma semana, com atividades variadas, culminando na produção artística de reconto do livro infantil *A cor de Coraline*. Conclui-se que, apesar do crescimento das discussões na escola em torno da temática antirracista, a maior parte das crianças negras ainda não reconhece seu tom de pele como negro/pardo, não desenvolveu o senso de pertencimento e mesmo sua autoestima. Apesar disso, a prática aponta impactos positivos para a formação da criança num sentido integral, conforme determinam os marcos legais da educação infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Temática antirracista; Tons de pele; Prática pedagógica.

Abstract

This article discusses a pedagogical practice developed with Kindergarten V classes at a public school in Fortaleza, Brazil. The main objective was to provide children with moments of discussion, reflection, and artistic creation, promoting racial literacy and ethnic-racial relationships. The research follows a qualitative, empirical approach and was carried out over the course of one week, involving a variety of activities that culminated in an artistic retelling of the children's book *A Cor de Coraline* (Coraline's Color). The study concludes that, despite the growing discussions around anti-racist themes in schools, most black children still do not recognize their skin tone as black or brown, have not developed a sense of belonging, nor a strong self-esteem. Despite this, the practice shows positive impacts on the child's holistic development, in accordance with the legal frameworks of early childhood education.

Keywords: Children's literature. Anti-racist themes. Skin tones. Pedagogical practice.

¹ Pós-doutoranda em Educação (PPGE/UECE). Colaboradora no grupo de pesquisa e estudos Práticas Educativas, memórias e oralidades (PEMO/UECE); Pedagoga (UFC); Professora efetiva da Rede pública municipal de Fortaleza. Fortaleza, Ceará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9670769637236669>. E-mail: tassiaffer@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2750-8897>.

Resumen

El presente artículo trata sobre una práctica pedagógica desarrollada en clases de infantil V, en una escuela pública de Fortaleza. El objetivo principal era proporcionar a los niños un momento de debate, reflexión y creación artística, favoreciendo la alfabetización racial y las relaciones étnico-raciales. La investigación tiene un enfoque cualitativo y empírico y se desarrolló durante una semana, con diversas actividades, que culminaron en la producción artística de una adaptación del libro infantil *book A Cor de Coraline* (El color de Coraline). Se concluye que, a pesar del aumento de los debates en la escuela en torno a la temática antirracista, la mayoría de los niños negros aún no reconocen su tono de piel como negro/moreno, no han desarrollado el sentido de pertenencia y tampoco su autoestima. A pesar de ello, la práctica apunta a impactos positivos para la formación integral del niño, tal y como lo determinan los marcos legales de la educación infantil.

Palabras claves: Literatura infantil; Tema antirracista; Tonos de piel; Práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

Considerando o contexto cultural e social em que vivemos, a promoção da educação, desde a etapa da educação infantil, quiçá principalmente a partir dela, posto que baseia todo o processo educacional, deve proporcionar aos sujeitos situações de aprendizagem diversas e que dialoguem com esse contexto, para que possam encarar os desafios da sociedade com sabedoria, posicionamento, responsabilidade.

As vivências aqui discutidas ocorreram em duas turmas de infantil V em que sou a professora de referência, ambas com 20 crianças. O objetivo principal foi propiciar às crianças momento de discussão, reflexão e criação artística, a partir da literatura e da temática antirracista na educação infantil, favorecendo o letramento racial² e as relações étnico-raciais.

Conforme definição da Academia Brasileira de Letras (ABL), o letramento racial é um “conjunto de práticas pedagógicas que têm por objetivo conscientizar o indivíduo da estrutura e do funcionamento do racismo na sociedade e torná-lo apto a reconhecer, criticar e combater atitudes racistas em seu cotidiano” (ABL, 2024, s/p). Nesse sentido, podemos compreendê-lo como um processo contínuo na formação desse indivíduo, assim como a própria educação é também contínua.

Schucman (2012), em sua tese de doutorado, apresenta seis fundamentos norteadores e respectivos do letramento racial/*racial literacy* segundo Twine (2006), criadora do termo original, em inglês, a saber:

1 - O reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude. 2 – definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado

² Tradução de *racial literacy*, termo atribuído à socióloga americana France Winddance Twine, apresentado no estudo *A White Side of Black Britain: the concept of racial literacy* (2004) e traduzido para o português pela pesquisadora brasileira Lia Vainer Schucman (2012).



histórico; 3 - um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas, e um resultado de práticas sociais; 4 – a posse de gramática e um vocabulário racial que facilita a discussão de raça, racismo e antirracismo; 5 – a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade e 6 – uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade (Twine, 2006, p. 344³ *apud* Schucman, 2012, p. 103-104).

Decerto, a criança em idade pré-escolar (4 a 6 anos), não detém ainda de estruturas cognitivas para compreender a fundo conceitos complexos como o exposto (Piaget, 1994), todavia, a introdução de temáticas sociais precisa ocorrer, desde que sejam trabalhadas e vivenciadas cuidadosa, sensível e ludicamente pelos professores e alunos. Inclusive, os principais documentos norteadores da educação infantil deixam claro a proposta de uma formação integral, o que engloba essa necessidade. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei n.º 9394/1996 traz como finalidade dessa etapa o desenvolvimento integral da criança; enquanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê o desenvolvimento integral por meio das dez competências gerais, as quais devem ter atenção à “argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação, e responsabilidade e cidadania”, bem como a uma “formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018, p. 25); ademais, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), entendem que a criança é:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009, p. 1).

Na perspectiva de uma formação integral, vincula-se a necessidade e relevância da temática étnico-racial. Não é por acaso que a problematização dessa temática tem sido elemento fundamental das políticas públicas até o contexto da sala de aula. Exemplo disso é o Plano Municipal de Educação de Fortaleza 2015-2025, instituído pela Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014, que em uma de suas estratégias a Meta 2 aponta "ações colaborativas com fóruns de educação para a diversidade étnico-racial, conselhos

³ SCHUMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.



escolares, equipes pedagógicas e sociedade civil e com aquisição de materiais didáticos-pedagógicos relacionados à temática" (Fortaleza, 2015, p. 16), alinhada às metas e orientações do Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014) já explicitava a necessidade de "promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental".

Com vistas a contemplar a formação da criança nessa perspectiva, relato uma prática pedagógica a partir da literatura e do letramento racial. O livro escolhido como recurso principal para a prática intitula-se *A cor de Coraline*⁴, escrito e ilustrado por Alexandre Rampazo (2012), e traz um diálogo entre Coraline e Pedrinho, que pede emprestado à amiga o lápis cor pele. A partir daí, Coraline olha para sua caixa de lápis de cor e vai questionando *o que é a cor de pele?, pele de quem?* e justificando que muitos podem ser os tons de pele, de acordo com o que se quer expressar no desenho, e que todos são belos. Ao final, Coraline decide dar ao amigo o lápis marrom que representa a cor de sua própria pele, em vez do lápis rosado que representa a pele de Pedrinho e que sempre é usado em seus desenhos. Pedrinho, por sua vez, conscientizado, recebe o lápis marrom, sorri e pinta seu desenho com a cor da pele de Coraline.

A escolha por tal livro e a respectiva prática desenvolvida a partir dela se justificam pela crescente demanda observada por mim de inserir, efetivamente, as relações étnico-raciais no cotidiano da educação infantil, possibilitando um trabalho com calma dessa temática. Também pela importância de momentos de criação que propiciem às crianças ser autores de seu processo de desenvolvimento enquanto leitores, escritores, artistas, cidadãos. Outrossim, a escolha também levou em atenção o projeto permanente da Secretaria Municipal de Educação (SME), Protagonismo Infantil, criado em 2017 e que compreende a criança como sujeito de expressão, desejos, ação, capaz de produzir cultura.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

No planejamento da prática, ao escolher o livro em questão, as diretrizes de aprendizagem da criança (Brasil, 2018) foram intencionalmente observadas, cujo foco se deu nos direitos de Participar, Expressar e Conhecer-se para oportunizar às crianças o respeito em relação às diferenças, a expressão de suas emoções, opiniões, criatividade, questionamento, formando-os sujeitos dialógicos, o autoconhecimento e a “construção de

⁴ Publicado pelas editoras Rocco (2017) e Lendo e Aprendendo (2018), o livro é finalista do prêmio Jabuti de 2018 e compôs o PNLD literário do mesmo ano. Foi resenhado por Ignácio de Loyola Brandão e transformado em samba de enredo e desfile carnavalesco pela escola de samba mirim Pimpolhos (Grande Rio).



sua identidade, pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento” (Brasil, 2018, p. 38).

Os campos de experiência contemplados foram o 1 (O eu, o outro e o nós), o 3 (Traços, sons, cores e formas), e o 4 (Escuta, fala, pensamento e imaginação), na medida em que as crianças se manifestaram artisticamente e culturalmente, expressando-se por meio não só da oralidade, mas das artes visuais, desenho e pintura, o que, com a vivência enquanto autores, resultou nas produções apresentadas adiante.

Dentro desses campos, destaque, ainda, alguns dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, a saber:

(EI03EO05) Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.

(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.

(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba. (Brasil, 2018, s/p.)

Os procedimentos metodológicos para a escrita deste artigo inserem-se na abordagem qualitativa, segundo a qual se fundamenta em Minayo (1994). Trata-se de um estudo de cunho descritivo e análise qualitativa com texto e imagem, por meio do alinhamento da análise temática das imagens com os discursos, buscando o princípio da coerência da informação.

No que se refere à dimensão ética, o trabalho foi realizado em atenção à Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata do envolvimento de seres humanos nas pesquisas que se encaixam na abordagem das Ciências Humanas e Sociais. As crianças tiveram suas identidades preservadas, seus nomes e rostos não foram expostos; e seus responsáveis cientes da atividade desenvolvida.

Desenvolvimento da prática

O contato inicial das crianças com o livro se deu de forma exploratória. Na rodinha, sentados sobre um grande tecido de TNT cor-de-rosa, ali presente para favorecer a sensação de acolhimento, bem como para estetizar o cenário e o momento da leitura, foi realizada uma predição leitora (Solé, 1998), momento em que a turma é instigada a falar suas impressões e inferências acerca da capa, do título, das imagens ali presentes, bem como formular hipóteses e compartilhar seus conhecimentos prévios.



Partindo da predição e do título do livro, e a partir da ideia de que recursos podem ser usados para enriquecer a contação e a significação da história, utilizei-me de uma caixinha de lápis de cor tons de pele, que compôs a caixa de material escolar destinada aos alunos da rede pública municipal neste ano (2025). Pedi que as crianças verificassem as cores dos lápis e associassem-nas ao tom de pele de pessoas que conhecem. Nesse momento, falaram de seus pais, avós, irmãos, e também dos colegas de sala.

Em um exercício mais sistematizado, escolhi algumas crianças para que viessem a mim e pegassem algum lápis e, em seguida, chamasse alguém que, em sua percepção, tinha o tom de pele representado pelo lápis (imagem 1)⁵. Os alunos logo tiveram a ideia de pegar os lápis e compará-los com os tons de suas próprias peles (imagem 2) e, em seguida, comparar a cor de seus braços entre si (imagem 3), conforme registros a seguir:

Imagem 1 – A, B e C

A – Lápis cor de pele



B – Tons de pele



C – Todos os tons



Fonte: Acervo da autora (2025).

⁵ As imagens foram cortadas e/ou editadas de forma a cobrir o rosto dos sujeitos e preservar suas identidades.

Foi um momento dinâmico, em que todos quiseram participar, e, neste, todos os lápis foram utilizados, do rosado ao preto. No entanto, interessante pontuar que, ao pedir para escolherem um lápis que representasse sua própria pele, os únicos lápis escolhidos inicialmente foram os dois mais claros. A partir disso, foi possível perceber que as crianças cuja pele é mais escura não se percebem assim. Observação confirmada ao término da leitura do livro também, como narrarei adiante.

Seguido desse exercício, por uma semana, a rodinha de história e as sucessivas atividades foram dedicadas à personagem Coraline. Lemos, releemos, dialogamos sobre o livro. As crianças foram instigadas a fazer recontos orais, a expressarem suas opiniões críticas sobre a atitude das personagens e a imaginarem-se no contexto da história como uma das personagens.

Após essa imersão na história e a maturação da temática, as crianças foram convidadas a serem escritoras e ilustradoras: a turma da manhã recontou a história, por meio da escrita, lembrando as falas principais das personagens, a partir das imagens do livro e da discussão proporcionada durante as rodinhas. Nessa atividade, desempenhei papel de escriba, e utilizei-me de papel madeira e pincel, sentada junto à turma no chão da sala, para que todos pudessem acompanhar o movimento de escrita realizado, observando o manejo do pincel, o formato das letras e a formação destas no papel à medida que falava as palavras pausadamente, repetindo as ideias das crianças.

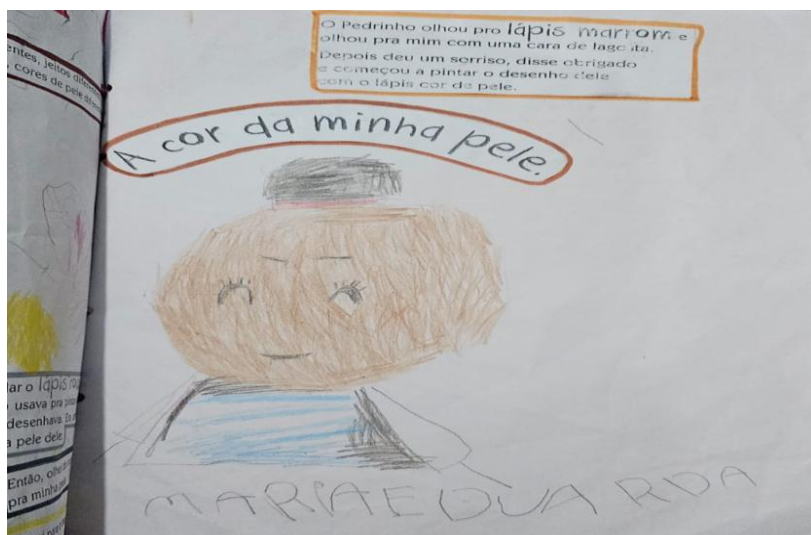
Por sua vez, a turma da tarde foi convidada a recontar a história por meio de desenhos, o conto da manhã foi lido, inclusive complementado (oralmente) por crianças mais detalhistas e, em seguida, entreguei-lhes papel ofício e lápis de cor para que desenhassem as cenas escritas pela turma da manhã. Para a organização dessa atividade, as crianças foram questionadas sobre o que gostariam de desenhar da história. Umas quiseram desenhar a personagem Pedrinho, outras a Coraline, outras os peixinhos dourados, ou o mundo verde dos extraterrestres, o país vermelho, o planeta azul, o mundo lilás, entre outros cenários mágicos do livro.

No dia seguinte, realizamos a montagem do livro escrito por eles. Para isso, previamente, xerocopiei o livro e recortei a parte escrita e a parte desenhada, separando-as. Na turma que realizou a escrita do livro, levei as imagens e, na que realizou a ilustração, levei a narrativa escrita. Em ambas, houve esse momento de organização da história. Conforme a sequência dos fatos, realizamos a colagem em folhas de ofício e, em seguida, juntamos as páginas recém elaboradas. Com fitilhos, fixamo-nas, formando um livro, uma releitura do livro original, ao passo que foi recriado com o toque pessoal das crianças (suas



palavras, suas percepções, suas artes). Tais produções estão registradas no mosaico a seguir (imagem 4) e na imagem 5:

Imagem 2 – Produção das crianças como escritoras/ilustradoras



Fonte: Acervo da autora (2025).

Imagem 3 – Ilustração da personagem Coraline ao revelar o tom de sua pele



Fonte: Acervo da autora (2025).

OS TONS DE PELE: QUEM QUER SER A CORALINE?

Retomando o acima mencionado, as crianças, que estavam ouvindo a história com empolgação e notável curiosidade pelo final, mostraram desapontamento ao verem a figura de Coraline em sua cor real (durante todo o livro as imagens das personagens não estão pintadas, exceto suas roupas). Assim, quando, finalmente, Coraline é apresentada ao leitor



pintada (tom de pele marrom escuro), houve uma expressão, quase geral na turma, de decepção. Duas crianças disseram: “Ela é feia, tia”. Questionado o porquê, não souberam ou não se sentiram à vontade para expressar. Apenas, notadamente, Coraline não era como esperavam.

É interessante perceber que, ainda que inconscientemente, o padrão estético imposto cultural e socialmente molda nossas opiniões e gostos. São os vieses inconscientes, os quais nos levam a naturalizar opiniões e espantos, como este, que nem mesmo sabemos que temos. Na perspectiva de Bento (2022), tal padrão apoia-se firmemente no que chamou de “pacto da branquitude”, perpetuando privilégios aos que nele se enquadram. Dito de outra forma, a branquitude é o padrão hegemônico e tudo o que dele se distancia é, mesmo que veladamente, tido como diferente e/ou inferior.

Sob esse prisma e a partir da empiria de sala de aula, ousou dizer que, enquanto adultos, temos recursos para, se atentos, dialogar sobre esses vieses. Todavia, as crianças em idade pré-escolar requerem a ação intencional planejada e provocada pelo professor e os responsáveis (quando atentos, repito) de propiciar-lhes o desenvolvimento de um senso perceptivo e crítico, atuante, para que opiniões verdadeiras e consistentes sejam colocadas frente à imposição velada dos padrões estéticos a que todos nós, mas, especialmente, as crianças, somos submetidos.

A aprendizagem dessa percepção estética, do senso de pertencimento, da autoimagem positiva e da autoestima também devem fazer parte dos momentos pedagógicos numa turma de infantil, tanto quanto qualquer outra aprendizagem., uma vez que tons de pele mais claros são tratados como esteticamente mais aceitáveis, em detrimento dos demais tons (que, na verdade, são diversos, ainda que tendamos a uma dicotomia entre claro e escuro).

Cabe ressaltar que uma das crianças, no momento de discussão acerca da história, mostrou-se atônita ao me ouvir falar que Coraline era uma menina preta. Era como mais que um preconceito, um pecado muito errado dizer isso de alguém. Na expressão da criança ao ver a professora falar assim na sala de aula, vi o velado que escancara também a maneira como isso é ou não tratado na sala de casa. É nobre a criança saber que não deve “falar da cor das pessoas”, quando (conforme a criança) tem uma cor escura, mas não é nobre ver que esse tabu vem carregado do entendimento de que são inferiores. O detalhe curioso é que a referida criança tem um tom de pele pardo, e que, na escolha do lápis que representava seu tom, ela optou pelo clássico lápis rosado.

É com base no acima exposto, a partir das falas e expressões das crianças que não



queriam ser identificadas como a Coraline, que a prática do letramento racial, do ato de ouvir e contar histórias que englobem as relações e a diversidade étnico-racial se mostra efetivamente necessária. Vale frisar que, muito embora tenha objetivos explícitos, a prática contemplou diversos outros pontos que também fazem parte do currículo da educação infantil. Dentre os quais, destaco: estudo das cores, raciocínio lógico sequencial, associação de imagens, memória, desenvolvimento da oralidade, capacidade de síntese, estímulo ao simbólico, melhoria da coordenação motora fina e da criatividade, desenvolvimento do gosto pela leitura, ampliação do repertório cultural, e outros.

Como resultado também, as produções das crianças foram apresentadas por elas no pátio da escola, no dia D da leitura, o qual faz referência ao Dia Internacional do Livro Infantil (02/abril) e ao Dia Nacional do Livro Infantil (18/abril) e faz parte do calendário letivo da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, visando o incentivo às práticas leitoras escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou propiciar às crianças de duas turmas de infantil V momentos de discussão, reflexão e criação artística, a partir da literatura infantil, tendo como recurso principal o livro *A cor de Coraline*, cuja personagem principal é negra.

Concluo que, apesar do crescimento das discussões na escola em torno da temática antirracista, a maior parte das crianças negras ainda não reconhece seu tom de pele como negro/pardo, não desenvolveu o senso de pertencimento e mesmo sua autoestima nesse quesito. Todavia, ainda assim, os resultados apontam impactos positivos para a educação da criança em um sentido integral, conforme determinam os marcos legais da educação infantil.

Com os diálogos proporcionados, as rodas de discussão e a oportunidade de fala e expressão, as duas turmas de infantil V passaram a se referir aos tons de pele, sempre que surge o assunto (atualmente, há quase sete meses após essa vivência) de uma maneira mais consciente e segura, inclusive, retomando o livro de Coraline.

Nesse sentido, concluo que o desenvolvimento de práticas intencionais, com uso da literatura infantil e a atenção à temática étnico-racial, se faz basilar para a formação de crianças sensíveis e críticas às questões que perpassam o mundo contemporâneo, além de pertencentes, protagonistas e artistas.



REFERÊNCIAS

- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Disponível em: <https://www.normaslegais.com.br/legislacao/resolucao-cne-ceb-5-2009.htm>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**: aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, ed. extra, p. 1, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em 07 jul. 2025.
- FORTALEZA. **Lei nº 10.371, de 24 de junho de 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação 2015–2025 e dá outras providências. Fortaleza, CE: Câmara Municipal de Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/norma/4370?display>. Acesso em: 6 ago. 2025.
- FORTALEZA. Plano Municipal de Educação 2015-2025. **Diário Oficial do Município**, Fortaleza, CE, ano LXI, n. 15.549, p. 1-51, 24 jun. 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://transparencia-cdn.sefin.fortaleza.ce.gov.br/PLANEJAMENTO/PME/Plano%20Municipal%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%202015-2025.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2025.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/748>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1994.
- RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Lendo e aprendendo. 2012. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/a-cor-de-caroline/237512508>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



TWINE, France Winddance. A White Side of Black Britain: The concept of racial literacy. **Ethnic and Racial Studies**. 27: 6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248995274_A_White_Side_of_Black_Britain_The_Concept_of_Racial_Literacy. Acesso em 17 ago. 2025.

Artigo recebido em: 29 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 05 de janeiro de 2026

Manuscript received on: November 29th, 2025

Accepted for publication on: January 05th, 2026

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

